

A LITERATURA DE PARENTESCO IDEOLÓGICO COM O NAZISMO

ELCIO LOUREIRO CORNELSEN
Universidade Federal de Minas Gerais
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
emcor@uol.com.br

RESUMO

Nossa contribuição visa a uma reflexão sobre uma das vertentes literárias presentes no contexto da República de Weimar e, especificamente, do chamado “Terceiro Reich”: a literatura de parentesco ideológico com o nazismo. Para isso, elegemos as seguintes obras, que serão objeto de análise do presente estudo: *In Stahlgewittern* (1920; *Nas tempestades de aço*), de Ernst Jünger, *Das Wunschkind* (1930; *O filho desejado*), de Ina Seidel, e *Volk ohne Raum* (1926, *Povo sem espaço*), de Hans Grimm. Enquanto Ernst Jünger figura como representante de escritores que, saídos dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, faziam apologia da guerra, a escritora Ina Seidel apresenta uma imagem da mulher “a serviço da nação”. Por sua vez, Hans Grimm veicula com sua obra uma visão não só colonialista, como também alicerçada pela noção de “espaço vital” (*Lebensraum*), uma das colunas dorsais da ideologia nazista. Embora Jünger, Seidel e Grimm fossem antagonistas do nazismo, posicionando-se distantes ou mesmo de modo crítico frente ao regime, sem dúvida, em termos discursivos, suas obras auxiliaram a pavimentar o terreno para a ascensão do nazismo.

PALABRAS CHAVE: Ernst Jünger, Ina Seidel, Hans Grimm, Terceiro Reich, nazismo.

THE LITERATURE OF IDEOLOGICAL PROXIMITY WITH NAZISM

ABSTRACT

Our contribution aims at a reflection on one of the literary aspects present in the context of the Weimar Republic and, specifically, the so-called "Third Reich": the literature of ideological proximity with Nazism. For this, we chose the following works, which will be the object of analysis of the present study: Ernst Jünger's *In Stahlgewittern* (1920; *Storm of Steel*), Ina Seidel's *Das Wunschkind* (1930; *The Wanted Child*), and Hans Grimm's *Volk ohne Raum* (1926, *Nation without Space*). While Ernst Jünger figures as a representative of writers who, out of the battlefields of World War I, apologized for war, the writer Ina Seidel presents an image of the woman “in the service of the nation”. In turn, Hans Grimm conveys with his work a vision not only colonialist, but also based on the notion of “living space” (*Lebensraum*), one of the dorsal columns of Nazi ideology. Although Jünger, Seidel and Grimm were antagonists of Nazism, positioning themselves far or even critically against the regime, no doubt in discursive terms, their works helped pave the way for the rise of Nazism.

KEYWORDS: Ernst Jünger, Ina Seidel, Hans Grimm, Third Reich, nazism.

1. INTRODUÇÃO

Neste breve estudo, analisaremos obras de escritores alemães que, apesar de não terem sido simpatizantes do regime nazista, defendiam ideias que vinham ao encontro dos interesses do Estado totalitário. Nesse grupo de escritores,

figuravam nomes como Ernst Jünger (1895-1998), Ina Seidel (1885-1974) e Hans Grimm (1875-1959). Para tanto, necessitamos enfocar brevemente obras dos referidos autores, publicadas antes da ascensão do nazismo ao poder, para demonstrar, com isso, que tais autores provinham de um ambiente conservador que, se por um lado, se diferenciava daquele da direita política radical, por outro, veiculavam juízos de valor que, de certo modo, não só não contestava o nazismo, como também se avizinhava ideologicamente dele, tornando-se, com isso, passível de instrumentalização para fins de propaganda política. Muitas vezes, autores que defenderam ideias, aparentemente, próximas das do nazismo não pensavam exatamente da mesma forma que os nazistas. Porém, em seu discurso estavam contidos elementos que permitiam a instrumentalização de suas obras por parte do Estado, no momento em que era inserido dentro de um discurso maior.

Para isso, centraremos nossa atenção nas seguintes obras, que serão objeto de análise do presente estudo: *In Stahlgewittern* (1920; *Nas tempestades de aço*), de Ernst Jünger, *Das Wunschkind* (1930; *O filho desejado*), de Ina Seidel, e *Volk ohne Raum* (1926, *Povo sem espaço*), de Hans Grimm.

Escritores como Jünger, Seidel e Grimm, representantes do chamado “Irracionalismo” literário – mesmo que o justificassem filosoficamente de modo diferenciado daquele “Irracionalismo” veiculado pelo nazismo – pertenceram ao grupo de escritores que, por assim dizer, prepararam o terreno para os nazistas no âmbito da literatura, pois suas obras veiculavam, mesmo que parcialmente, valores próximos aos da ideologia nazista.

2. ERNST JÜNGER E A APOLOGIA DA GUERRA

Começamos, pois, nossa análise por Ernst Jünger. Nascido em 29 de março de 1895, Ernst Jünger sempre se identificou com organizações e com a hierarquia militar, o que, mais tarde, lhe renderia a designação de *Frontschriftsteller* (“escritor do *front*”). Em 1911, aos 16 anos de idade, tornou-se membro do *Wandervogelbewegung* (“Movimento Andarilho”; “Movimento do Pássaro Migratório”), movimento juvenil fundado em 1901 nos moldes do escotismo, cujos membros procuravam seguir um novo estilo de vida em comunhão com a natureza, cultuando em suas reuniões a música e a dança popular. Dois anos mais tarde, ingressou na Legião Estrangeira francesa, sendo desligado após seis semanas por influência do pai que queria que o filho prosseguisse nos estudos. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Jünger se apresentou para o serviço militar como voluntário, atuando como tenente da Infantaria e líder de tropa de assalto. Nesse período, começou a se formar a lenda em torno de sua pessoa: ele combateu nas fileiras do exército alemão até o término da guerra; foi um dos poucos militares condecorados com a Cruz de Ferro de 1ª Classe, por atos de bravura, bem como com a ordem *Pour le Mérite*; conta-se que foi ferido

catorze vezes durante a guerra, e que sempre recusou a ideia de dar baixa de suas funções (Loewy 1966: 350).

No período de 1918 a 1923, Ernst Jünger deu prosseguimento à carreira militar na *Reichswehr*. É nessa época que surgiram suas primeiras obras, entre elas a obra de caráter autobiográfico *In Stahlgewittern. Tagebuch eines Stoßtruppführers* (1920; “Nas tempestades de aço. Diário de um líder de tropa de assalto”), anotações em forma de diário no qual Ernst Jünger estetiza suas vivências de guerra, os ensaios *Der Kampf als inneres Erlebnis* (1922; “A luta como vivência interior”) e *Feuer und Blut* (1923; “Fogo e Sangue”), nos quais, segundo o germanista Erwin Theodor Rosenthal, procurava “uma interpretação mística para os acontecimentos bélicos” (ROSENTHAL 1990: 176). Em *Der Kampf als inneres Erlebnis*, Jünger expressa seu modo de encarar a guerra como forma de educação de uma nova elite, de uma aristocracia eleita e selecionada pela guerra para comandar:

[...] Esta guerra não é o fim, mas sim o prelúdio da violência. Ela é a ferraria na qual o mundo é forjado em novas fronteiras e novas comunidades. Ele é o crepúsculo incandescente de um tempo em queda e, ao mesmo tempo, um alvorecer em que se arma para a nova e maior luta. E essa luta necessita guerreiros que saibam percorrer o seu caminho, como aqui através de trincheira, fogo e ferro. (Jünger 1922: 74-75)¹ (tradução própria)

Tais obras, que apresentam uma apologia da guerra como possibilidade de vivência profunda, tornaram Ernst Jünger um expoente do chamado *heroischer Realismus* (“realismo heróico”) e do *stählerne Romantik* (“romantismo de aço”) (Paucker 1995: 34), numa junção entre conduta e aptidões militares e valores morais. Cabe lembrar que o Neo-romantismo na virada do século, assim como o Romantismo 100 anos antes, foi alimentado por um afeto anti-ilustrado e por forças conservadoras e reacionárias. Em ambos os casos, tratava-se de um movimento jovem que conclamava a renovação do “espírito” e da “pátria”. Por assim dizer, Jünger materializa com sua obra aquilo o que Benjamin denuncia com propriedade:

[...] Pode-se afirmar, sem qualquer pretensão de incluir nessa explicação suas causas econômicas, que a guerra imperialista é co-determinada, no que ela tem de mais duro e de mais fatídico, pela distância abissal entre os meios gigantescos de que dispõe a técnica, por um lado, e sua débil capacidade de esclarecer questões morais, por outro. [...] (Benjamin 1994b: 61)

A partir de 1923, Ernst Jünger deu início aos estudos de Zoologia e Filosofia em Leipzig e Nápoles, sem, no entanto, concluí-los. Em 1926, passou a

¹ [...] Denn dieser Krieg ist nicht, wie viele meinen, Ende, sondern Auftakt der Gewalt. Er ist die Hammerschmiede, die die Welt in neue Grenzen und neue Gemeinschaften zerschlägt. Er ist das glühende Abendrot einer versinkenden Zeit und zugleich Morgenrot, in dem man zu neuem, größerem Kampfe rüstet. Und dieser Kampf braucht Krieger, die ihren Weg zu bahnen wissen, wie hier durch Trichter, Feuer und Eisen.

dedicar-se exclusivamente à carreira de escritor, fixando residência em Berlim e tornando-se co-editor de diversas revistas. Em 1930, publicou um escrito no qual pregava a militarização da sociedade: *Totale Mobilmachung* (“Mobilização Total”) (cf. Loewy 1966: 350).

Sua relação com o nazismo sempre foi conturbada. Em 1931, recusou o pedido de Joseph Goebbels (1897-1945), então chefe distrital do partido nazista em Berlim, para defender publicamente a política do nacional-socialismo. Em 1933, recusou um mandato no *Reichstag*, o parlamento alemão, pelo NSDAP e a nomeação para a Academia Prussiana das Artes. Durante o período nazista, publicou o romance *Auf den Marmorclippen* (1939; “Sobre as falésias de mármore”), considerado um ataque literário contra o regime, além do diário de guerra *Gärten und Straßen* (1942; “Jardins e ruas”). Alguns críticos e historiadores da literatura consideram *Auf den Marmorclippen* uma obra da “Emigração Interior”, por se tratar de um ataque velado ao nacional-socialismo. Em 1940, foi designado como oficial nas divisões do exército alemão que ocuparam a cidade de Paris. Após o atentado de 20 de julho de 1944 contra Hitler, Ernst Jünger foi declarado “wehrunwürdig” (“indigno do serviço militar”) e exonerado de seu posto, o que, segundo Erwin Theodor Rosenthal, significava: “por resistência ao nazismo” (Rosenthal 1990: 177). Desconfiava-se que Jünger tivesse ligações com o grupo de oficiais da *Wehrmacht* que promoveram o atentado, inclusive com o grupo de resistência em torno do General von Stülpnagel, na capital francesa (cf. Loewy 1966: 350).

No período do pós-guerra, sobretudo nos primeiros anos, o modo como a obra de Ernst Jünger e sua carreira militar foram avaliadas oscilou entre a total reprovação e o amplo reconhecimento. Se entre 1945 e 1949 o escritor foi proibido de publicar, em 1959, por exemplo, recebeu a *Großes Verdienstkreuz* (“Grã-Cruz por Mérito”) de Theodor Heuss (1884-1963), primeiro presidente da República Federal da Alemanha. Em 1978, foi a vez da Medalha da Paz da cidade de Verdun, na França, num reconhecimento da participação de Ernst Jünger na Primeira Guerra Mundial e do modo como ele representou literariamente o conflito. E em 1982, recebeu o Prêmio Goethe da cidade de Frankfurt a.M. (cf. Loewy 1966: 350).

Nas últimas décadas de sua vida, Ernst Jünger desfrutou de aceitação e reconhecimento dentro e fora da Alemanha. Em 1984, participou da cerimônia em honra às vítimas da Primeira Guerra Mundial na cidade francesa de Verdun ao lado do então chanceler alemão Helmut Kohl e do então primeiro-ministro francês François Mitterand (1916-1996). Mesmo sua morte, em 17 de fevereiro de 1998, aos quase 103 anos de idade, na cidade de Wilflingen, na região de Württemberg, foi motivo de demonstração da simpatia com que era visto por veteranos de guerra, principalmente da Primeira Guerra Mundial. Na cerimônia de sepultamento, além de veteranos alemães, estiveram presentes ex-combatentes franceses e britânicos, portando os estandartes de seus regimentos, para prestar homenagem àquele que, a seu modo, havia escrito sobre as

vivências de guerra, comuns a todos, independentemente da coloração do uniforme e de suas bandeiras.

Para efeito de análise, selecionamos o capítulo “Guillemont”, da obra *In Stahlgewittern. Tagebuch eines Stoßtruppführers* (1920; “Nas tempestades de aço. Diário de um líder de tropa de assalto”) (Jünger 1978: 98-119). O narrador-autoral, em primeira pessoa, é um oficial do exército alemão, o que alude a traços autobiográficos. Trata-se de um diário de guerra no qual aparecem batalhas na França, das quais o autor participou, e também a sua ascensão na hierarquia militar. A maneira de encarar a guerra, sem um senso crítico no sentido de apontar para a insensatez do conflito em si, revela-se pelo termo que define o ânimo dos soldados na batalha do Somme: “vorzüglich” (“ótimo”) (Jünger 1978: 98). Conforme relata o oficial, em suas anotações em forma de diário, “[g]racejos circulavam, entre a risada geral, de um veículo para outro” (Jünger 1978: 98). O narrador-autoral fala de si próprio como aquele que fora “immer empfindlich” (“sempre sentimental”) diante de ferimentos e mutilações, mas que, com o passar do tempo, notou uma mudança no seu íntimo, pois “nos próximos dias estava em condições de suportar olhar para mutilações graves” (Jünger 1978: 98).

Por sua vez, o fogo de artilharia lhe parecia “ein Flammenmeer” (“um mar de chamas”) (Jünger 1978: 98), um soldado portando o capacete de aço era “como o habitante de um mundo estranho e mais duro” (Jünger 1978: 98); “O rosto imóvel, emoldurado pela aba do capacete de aço, e a voz monótona acompanhada pelo barulho do *front* causavam-nos uma expressão fantasmagórica.” (Jünger 1978: 99) O mensageiro da tropa, em missão, tem de entrar “in das Reich der Flammen” (“no reino das chamas”) (Jünger 1978: 99). Descrevendo a batalha, ele afirma que se trata “auf Tod und Leben” (“de vida e morte”): “quem cai, fica.” (Jünger 1978: 99) Sua voz revelava “ein großer Gleichmut” (“uma grande serenidade”, “um grande sangue-frio”) (Jünger 1978: 99).

Num quadro aterrador de morte e sangue, o narrador-autoral estiliza romanticamente a cena por meio de expressões como “Mondschein” (“raio de luar”) e “Mondlicht” (“luz do luar”) (Jünger 1978: 99) para descrever o céu sobre a batalha. Para expressar a proximidade da morte numa atmosfera de tensão, o narrador-autoral descreve da seguinte forma o movimento de seus comandados: “Caminhávamos para lá como se fosse por caminhos vislumbrantes de um cemitério à meia-noite” (Jünger 1978: 99).² Todavia, o narrador-autoral demonstra a adaptação dos soldados à batalha, onde os sentidos são aguçados: “A conversa foi se tornando mais silenciosa e, por fim, emudeceu por completo. Cada um espreitava o assóvio sibilante dos projéteis

² [...] Wir schritten wie auf den schimmernden Wegen eines mitternächtlichen Friedhofes dahin.

com aquela rara tensão que empresta ao ouvido a mais extrema nitidez.” (Jünger 1978: 100).³

Chama à atenção no capítulo “Guillemont” de *In Sahtlgewittern* o emprego de um termo que, mais tarde, seria usado como um dos termos centrais do nazismo: o de “Führer” (“líder”) – como, aliás, o próprio subtítulo do romance indica: *Tagebuch eines Stoßtruppführers* (“Diário de um líder de tropa de assalto”) –, palavra utilizada pelo narrador-autoral para designar o oficial que comandava a tropa. Sem dúvida, essa noção de “Führer” era partilhada entre a direita política alemã, que contava com a participação de militares, e, portanto, era um termo corrente em seu discurso. Deduzimos que os nazistas tenham se apropriado desse termo extraído do próprio contexto militar da Primeira Guerra Mundial, uma vez que a maioria dos fundadores do partido nazista eram ex-combatentes, como o caso de Hitler, cabo do 16º Regimento de Infantaria da Reserva da Baviera (Wepman 1987: 17), Heinrich Himmler (1900-1945), cadete de um regimento de infantaria bávaro, e Ernst Röhm (1887-1934), oficial comandante de uma divisão bávara na guerra.

O narrador-autoral também descreve o campo de batalha e a iminência da morte. Os feridos não eram socorridos, pois “corria-se, inteiramente, pela vida e a morte” (Jünger 1978: 100).⁴ Ao lado da visão e da audição, o olfato é um dos sentidos mais aguçados pelos soldados no campo de batalha, em plena “Materialschlacht” (“batalha de material”), conforme demonstra a seguinte passagem da obra autobiográfica de Ernst Jünger, em que o narrador autoral descreve o odor dos cadáveres:

Aliás, esse hálito pesado e adocicado não era, pura e simplesmente, repugnante; indo mais além, ele provocava, intimamente misturado com a neblina cortante do explosivo, uma excitação quase visionária, que só a maior proximidade da morte ousa produzir. (Jünger 1978: 100)⁵ (tradução própria)

Não obstante o quadro macabro de morte e destruição, não há por parte do narrador-autoral um posicionamento crítico que ressalte a insensatez de tudo aquilo. Ao contrário, sua ênfase recai na capacidade do ser humano em se adaptar a exposições de extrema violência – pelo aguçamento dos sentidos, chegando quase às raias do animalesco –, e mesmo no próprio estado de ânimo quando afirma que “não sentia temor, mas sim uma leveza elevada, quase demoníaca” (Jünger 1978: 100),⁶ ou ainda quando lhe despertavam “também

³ [...] Die Unterhaltung wurde leiser und verstummte zuletzt ganz. Jeder lauschte dem gezogenen Heranheulen der Geschosse mit jener seltsamen Spannung, die dem Ohr eine äußerste Schärfe verleiht. [...]

⁴ [...] man rannte durchaus auf Leben und Tod [...].

⁵ [...] Übrigens war dieser schwere und süßliche Hauch nicht lediglich widerwärtig; er lief darüber hinaus, eng mit den stechenden Nebeln des Sprengstoffs vermischt, eine fast hellseherische Erregung hervor, wie sie nur die höchste Nähe des Todes zu erzeugen vermag.

⁶ [...] keine Furcht, sondern eine hohe und fast dämonische Leichtigkeit; [...].

acessos surpreendentes de uma gargalhada que não se podia dominar” (Jünger 1978: 100).⁷ As imagens de horror dominam o cenário: o narrador-autoral descreve a destruição de uma aldeia idílica pela artilharia como “ein Bild des Grauens” (“um quadro de horror”) (Jünger 1978: 100), em que civis inocentes morreram: “Diante de uma soleira jazia uma menina pequena, estirada em uma poça vermelha” (Jünger 1978: 100).⁸

Cabe ainda ressaltar que, ao longo do texto, o narrador-autoral se refere a si e aos demais soldados com os pronomes “wir” (“nós”) e “uns” (“nos”, “a nós”). Por um lado, a tropa ganha sentido de totalidade e unidade e, por outro, produz-se um sentimento de pertencimento a esse todo não apenas pela hierarquia militar, mas também pelo destino comum de combater e morrer.

Portanto, *In Stahlgewittern*, obra autobiográfica em forma de diário de guerra, representa uma posição diametralmente oposta àquela do romance *Im Westen nichts Neues* (1929; “Nada de novo no front ocidental”), de Erich Maria Remarque (1898-1970), um dos maiores *bestsellers* da República de Weimar, um marco na literatura pacifista. Enquanto Remarque, também ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, retrata no destino trágico do jovem soldado Paul Bäumer o fracasso de uma geração inteira que mal havia saído das salas de aula dos colégios para os campos de batalha, morrendo aos milhares, Ernst Jünger enaltecia justamente o *modus vivendi* dos soldados, sem qualquer crítica social ou política, pois a própria guerra aparece em sua obra como uma espécie de “evento natural”, vivenciado como algo que remete o homem ao instintivo. Num misto de busca por aventura e heroísmo, em que o que importaria seria como se luta e não o porquê, suas obras apresentam o homem em situações de extremo perigo e sofrimento, às quais se adapta e se torna combativo. Esse é justamente o componente que o aproxima ideologicamente do nazismo: a valorização da vida militar heróica e hierarquizada enquanto *modus vivendi*, condição *sine qua non* para os planos de expansionismo que seriam levados a cabo pelos nazistas desde 1933. Essa visão, aliás, materializa justamente aquela posição criticada por Walter Benjamin contra a onda de nacionalismo que reinava na Alemanha:

[...] A guerra como abstração metafísica, professada pelo novo nacionalismo, é unicamente a tentativa de dissolver na técnica, de modo místico e imediato, o segredo de uma natureza concebida em termos idealistas, em vez de utilizar e explicar esse segredo, por um desvio, através da construção de coisas humanas. [...] (Benjamin 1994b: 70)

Todavia, rotular Ernst Jünger como um escritor “nazista” seria desconhecer a própria obra do autor e a complexidade do espectro político de direita na República de Weimar. Nela, estão ausentes alguns componentes centrais da ideologia nazista, como, por exemplo, o arianismo e o anti-

⁷ [...] auch überraschende Anwandlungen eines Gelächters, das nicht zu bezähmen war.

⁸ [...] Vor einer Schwelle lag ein kleines Mädchen in einer roten Lache ausgestreckt.

semitismo. Falta-lhe também o caráter programático e panfletário que se nota facilmente em obras de autores a serviço do regime, além da ausência em suas obras de qualquer tom patriótico ou mesmo de uma visão da guerra enquanto mero instrumento para o expansionismo territorial do poder. Isso tudo só espelha a complexidade do espectro da direita política na República de Weimar, que estava longe de ser reduzido numa visão maniqueísta a um único bloco homogêneo. O próprio Jünger era simpatizante do DNVP – *Deutsch-Nationale Volkspartei* (“Partido Popular Nacional-Alemão”), partido conservador e reduto de monarquistas, e pertenceu ao *Stahlhelm. Bund der Frontsoldaten* (“Capacete de Aço. Liga dos Soldados do Front”), principal organização de veteranos da Primeira Guerra Mundial com forte representatividade no cenário político da República de Weimar. E como aponta Ernst Loewy, Ernst Jünger foi o principal nome do movimento “revolucionário-conservador”, cujos membros – escritores, jornalistas e políticos – representavam o pensamento pré-fascista na Alemanha (cf. Loewy 1966: 350). Segundo Loewy,

[...] Ainda que J[ünger] tenha dado aos nacional-socialistas impulsos substanciais com suas opiniões, ele não quis se aliar a eles. Seu pensamento elitista e aristocrático, que se vinculava ao seu próprio esteticismo, o manteve pessoalmente distante dos nazistas. Os escritos de J[ünger] que foram publicados durante a Segunda Guerra testemunham o desgosto do autor diante da realidade do Terceiro Reich. [...] (cf. Loewy 1966: 351)⁹ (tradução própria)

O programa desse grupo de “revolucionários conservadores”, aliás, encontrou sua expressão em *Aufmarsch des Nationalismus* (1926; “Marcha do nacionalismo”), ensaio panfletário de autoria do irmão de Ernst Jünger, Friedrich Georg Jünger (1898-1977), poeta, contista e ensaísta que, assim como irmão, era veterano da Primeira Guerra Mundial:

O nacionalismo nasceu de uma nova consciência de comunidade temperada no sangue; ele quer tornar o sangue dominante. Oriundo do dissoluto, ele é movido avante pela ânsia por uma nova ligação temperada no sangue.

Sendo assim, ele se volta contra a concepção mecanicista da vida e a combate a partir do sentimento de solidariedade de destino. Pois sua consciência orgânica se opõe apaixonadamente às idéias mecanicistas. [...] (Jünger 1926: 22)¹⁰ (tradução própria)

⁹ [...] [o]bgleich J.[ünger] mit seinen Anschauungen den Nationalsozialisten wesentliche Impulse gab, wollte er sich nicht mit ihnen arrangieren. Sein elitäres, aristokratisches Denken, das sich mit dem ihm eigenen Ästhetizismus paarte, hielt ihn persönlich von den Nazis fern. J[ünger]s Schriften, die während des 2. Weltkrieges erschienen, zeugen von des Autors Degout gegenüber der Wirklichkeit des Dritten Reiches. [...]

¹⁰ Der Nationalismus ist geboren aus einem neuen Bewußtsein blutmäßiger Gemeinschaft; er will das Blut zur Herrschaft bringen. Aus dem Ungebundenen kommend, treibt ihn die Sehnsucht nach einer neuen blutmäßigen Bindung vorwärts.

De modo semelhante ao do irmão Ernst, Friedrich Georg Jünger atribuía ao “sangue” (“Blut”) um caráter místico, quando fala da “Gemeinschaft des Blutes” (“comunidade de sangue”) (cf. Loewy 1966: 351-352). Todavia, assim como Ernst, Friedrich Georg se distanciou dos nazistas e manteve ligações com o círculo de resistência em torno do escritor e político Ernst Niekisch (1889-1967), o que lhe rendeu uma vigilância permanente por parte da Gestapo a partir de 1934, além da proibição de alguns de seus escritos (cf. Loewy 1966: 351).

Porém, a crítica de Walter Benjamin ao grupo de escritores que enalteciam a guerra reflete de maneira precisa as carências da visão de mundo proposta por Ernst Jünger e outros representantes do movimento “revolucionário conservador”:

[...] No máximo, eles lutaram na guerra, que agora celebram. Mas não podemos aceitar que alguém fale da guerra sem conhecer outra coisa que a guerra. Temos o direito de perguntar, radicais à nossa moda: De onde vêm vocês? E o que sabem da paz? Alguma vez encontraram a paz numa criança, numa árvore, num animal, como encontraram um posto avançado num campo de batalha? [...] (Benjamin 1994b: 68)

Além disso, devemos relembrar as palavras de Benjamin ao falar do regresso dos soldados dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial e de seu “emudecimento”:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobre em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. [...] (Benjamin 1994a: 114)

Esse “emudecimento” era precisamente não um silenciamento sobre a guerra, dada a quantidade de obras autobiográficas que surgiram após o conflito, sendo que Ernst Jünger seria o seu maior representante. O “emudecimento” de que fala Benjamin é aquele da *Erfahrung* (“experiência”). Não é por acaso que Jünger denomina uma de suas obras sobre a guerra de *Der Kampf als inneres Erlebnis* (“A luta como vivência interior”). É justamente a *Erlebnis* (“vivência”) que não se transforma em experiência intercambiável, pois não advém da experiência acumulada pela tradição.

So wendet er sich gegen die mechanistische Auffassung des Lebens und bekämpft sie aus dem Gefühl der Schicksalsverbundenheit. Denn sein organisches Bewußtsein tritt den mechanistischen Ideen leidenschaftlich entgegen. [...]

3. INA SEIDEL E A MULHER “A SERVIÇO DA NAÇÃO”

O próximo exemplo de literatura de parentesco ideológico com o nazismo é o romance *Das Wunschkind* (1930; “O filho do desejo”), da escritora Ina Seidel (1885-1974). Nascida em 15 de setembro de 1885 na cidade de Halle an der Saale, cujo pai era médico, Ina Seidel passou sua juventude em Braunschweig. Era casada com o escritor e pastor protestante Heinrich Wolfgang Seidel, filho do escritor Heinrich Seidel. Após grave doença que lhe acometeu aos 22 anos de idade, que, por longo tempo, impediu-lhe de se movimentar livremente, iniciou sua atividade literária. Nesse período, viveu nas cidades de Munique, Eberswalde e Berlim (Loewy 1966: 358).

Durante o período nazista, Ina Seidel tornou-se membro da Academia das Artes. Em 1941, recebeu o prêmio de literatura da cidade de Viena, em 1948 foi-lhe outorgado o Prêmio Wilhelm Raabe da cidade de Braunschweig, e em 1958 foi a vez do Grande Prêmio de Arte do Estado de Nordrhein-Westfalen (Loewy 1966: 359).

Como aponta Ernst Loewy, a obra de Ina Seidel gira em torno de temas ligados à infância e às vivências da mulher no mundo moderno. Assim como no caso de Ernst Jünger, sua obra foi influenciada pelo Neo-Romantismo da virada do século. A crença no destino e a fé diante da natureza confundem-se com o *ethos* protestante e ideias teosóficas (Loewy 1966: 359). No lugar do conhecimento adquirido pela razão surge o condicionamento de toda a existência pelo sangue. A tendência à construção de imagens visionárias e irrefletidas, de acordo com Ernst Loewy, fez com que Ina Seidel, momentaneamente, acreditasse reconhecer em Hitler uma figura mítica, que ela decantou em versos românticos (Loewy 1966: 359). Após a guerra, ela lamentou o erro daqueles anos. Seu romance *Michaela* (1959) demonstra, todavia, a imagem de questionamento de uma camada de intelectuais que, indefesos e impotentes, foram espiritualmente cooptados pelo regime.

De acordo com Heinrich Zelton e Eduard Wolff, Ina Seidel foi “[a] poetisa certamente mais forte que atuou nas primeiras cinco décadas do século XX” (Zelton/Wolff 1996: 249).¹¹ Numa junção entre sentimento materno e força artística, a autora contava também entre os escritores que associavam sua postura religiosa ao próprio ato de criação literária.

Dentre suas obras, além dos romances *Das Wunschkind* e *Michaela*, destacam-se o livro de poemas *Weltinnigkeit* (1918; “Interioridade universal”), o romance *Sterne der Heimkehr* (1923; “Estrelas do regresso”). Durante o período nazista, Ina Seidel publicou o volume de poemas *Gedichte* (1937; “Poemas”), o romance *Lennacker* (1938), e o conto *Unser Freund Peregrin* (1940; “Nosso amigo Peregrin”).

¹¹ [d]ie wohl stärkste Dichterin, die in den ersten fünf Jahrzehnten des 20. Jahrhunderts gewirkt hat, [...]

No romance *Das Wunschkind*, Ina Seidel situa a história da protagonista Cornélie Echte von Mespelbrunn no final do século XVIII e começo do XIX. Cornélie dá à luz um filho desejado no momento em que seu primeiro filho morre. Ela pressente que o marido não retornará da guerra contra as tropas de Napoleão e deseja, por isso, ter relações com ele antes que retorne ao campo de batalha, para ter outro filho. Segundo ela, “um filho desejado e ansiado de coração, de antemão, deveria vir ao mundo com impulsos vitais mais fortes e, do mesmo modo, seria mais apto para enfrentar o destino” (Seidel 1930: 7).¹² Primeiramente, Christoph, o filho desejado, cresce em Mainz e, depois, na comarca de Brandenburgo. E, na juventude, ele morre numa batalha nas proximidades de Lützen.

Ao mesmo tempo em que Cornélie tem o “filho desejado”, sua irmã dá à luz uma filha, Delphine, após ter relações com um francês. Através dessas personagens – Delphine e Christoph – é evidenciada a influência da origem sobre seus comportamentos distintos: Delphine falha, apaixona-se por Christoph e quer persuadi-lo a admirar Bonaparte, embora não obtenha sucesso nesse intento; em conformidade com a sua origem prussiana e de acordo com o desejo de sua mãe, Christoph decide ingressar no exército. Logo depois ele morre numa batalha, já como oficial prussiano.

Todavia, o protagonista do romance não é Christoph, mas sim sua mãe Cornélie. Sempre de maneira resoluta ela comanda os acontecimentos, e não é por acaso que o filho morre e ela permanece viva, mantendo o sentimento materno. A feminilidade se transforma numa arma contra a decadência cultural espelhada na guerra enquanto expressão da masculinidade. O romance se encerra da seguinte forma, no ano de 1813, mais precisamente no final da guerra contra Napoleão:

Mas chegará o dia – e *deve* chegar – em que as lágrimas das mulheres serão suficientemente fortes para, feito torrente, apagar para sempre a chama da guerra. O dia em que o espírito – a pomba – pairará sob o arco-íris sagrado da terra renascida – e então ... Então o filho colocará uma coroa na cabeça da mãe. (Seidel 1930: 1.048)¹³ (tradução própria) (grifo no original)

No desfecho do romance *Das Wunschkind*, notamos o tom religioso que envolve a imagem da mãe que sofre com a perda dos filhos e entes queridos. Cornélie representa justamente esse trágico destino, com a perda do esposo e do filho desejado, mortos na guerra, além do primeiro filho que morre ainda criança. Nesse aspecto, podemos identificar um tipo de argumentação que, mais

¹² [...] ein herzlich erwünschtes und ersehntes Kind von vornherein mit stärkeren Lebensantrieben und gleichsam schicksalsfähiger in der Welt kommen müßte. [...]

¹³ Aber der Tag wird kommen – und er *muß* kommen – da die Tränen der Frauen stark genug sein werden, um gleich einer Flut das Feuer des Krieges für ewig zu löschen. Der Tag, da der Geist – die Taube – unter dem heiligen Regenbogen über der wiedergeborenen Erde schwebt – und dann ... Dann setzt der Sohn der Mutter die Krone aufs Haupt.

tarde, durante o período nazista, será explorada na literatura a serviço do regime: por um lado, a apresentação da mulher como genitora de uma numerosa prole – conforme o mito do “sangue-e-solo” e da imagem da mulher associada à natureza – e, por outro, aquela que tem de suportar a dor da perda de seus filhos na guerra, em que o “sacrifício pela nação” suplantaria o sofrimento individual, não obstante o tom final do romance apontar para uma rejeição à guerra, que seria uma postura contrária aos propósitos expansionistas dos nazistas.

A recepção desse romance, de 1930, por parte da crítica durante o período nazista atesta a possibilidade de instrumentalização de *Das Wunschkind* pelos detentores do poder para fins de propaganda no âmbito literário, conforme exemplifica o posicionamento de Karl Beyer no ensaio “Ina Seidels Wunschkind” (1940; “O filho do desejo de Ina Seidel”):

Por fim, indicaremos em poucas palavras a proximidade do romance com o presente. Na representação do feminino, do sentimento maternal, na concepção das tarefas da mulher essa relação pode ser vista facilmente. Aqui, deve ser destacado apenas o sentimento do presente e o apontamento para o futuro no âmbito religioso. A escritora tenta retirar o aspecto religioso da abstração esvaziada de sentido e da petrificação em formas separadas, portanto, daquele perigo que o espírito puramente masculino sucumbe tão facilmente em sua carência de fixação num lugar. União entre Protestantismo e Catolicismo? Não, indo além, a meta prevista é a fusão dos componentes mais maduros e mais capazes do heroísmo ariano com aquilo o que os homens alemães, num milênio, teriam visto no Cristianismo (Beyer 1940: 47).¹⁴ (tradução própria)

Portanto, *Das Wunschkind* documenta o parentesco ideológico entre os valores veiculados por Ina Seidel nesse romance de 1930 e aqueles apregoados pelo regime nazista. Consciência nacional, o apelo à tradição e ao mundo idílico pré-industrial, e o culto do mito “sangue-e-solo” são alguns elementos que orientam os valores veiculados pela escritora em suas obras.

Nesse sentido, repete-se a mesma postura de Ernst Jünger: embora esses escritores não tenham se declarado adeptos do nazismo, até mesmo combatendo-o, eles não tinham como evitar a apropriação de suas obras pelo regime, uma vez que elas continham aspectos que vinham ao encontro dos interesses do Estado totalitário. A postura conservadora, aristocrática e chauvinista, veiculada por obras desses autores publicadas antes de 1933,

¹⁴ Zum Schluß sei in wenigen Worten auf die Gegenwartnähe des Romans hingewiesen. In der Darstellung des Weiblichen, Mütterlichen, in der Auffassung von den Aufgaben der Frau ist diese Beziehung leicht zu sehen. Es soll hier nur das Gegenwartserfüllte und Zukunftweisende im Religiösen herausgehoben werden: Die Dichterin versucht, das Religiöse aus leergewordener Abstraktheit und aus der Erstarrung in trennende Formen loszulösen, also aus jener Gefahr, der der rein männliche Geist in seinem Mangel an Bodenständigkeit so leicht erliegt. Vereinigung von Protestantismus und Katholizismus, nein, weit darüber hinaus Verschmelzung der reifsten, lebensfähigsten Bestandteile arischen Heldentums mit dem, was deutsche Menschen in einem Jahrtausend in das Christentum hineingesehen haben, ist das geahnte Ziel.

demonstra que já havia um terreno preparado para o nazismo, inclusive no âmbito literário e cultural.

No caso de Ina Seidel, isso se verifica, por exemplo, no romance *Lennacker*, publicado em 1938, em que o protagonista, o estudante Lennacker, é ferido na guerra e se encontra convalescente, na casa de parentes, febril e delirante. Nas doze noites em que transcorre o romance, Lennacker sonha em cada uma delas com um de seus antepassados, todos eles clérigos protestantes, de modo que o leitor identifica nesses doze sonhos tanto a história da linhagem de Lennacker quanto a própria história da Igreja evangélica (cf. Zelton/Wolff 1996: 250-251). A forte religiosidade também é um fator que diferenciava a obra de Ina Seidel daquelas que foram escritas a serviço do regime nazista. Entretanto, o fato de ter publicado *Lennacker* em 1938, de esse romance ter sido aprovado pela censura, demonstra que, não obstante o tom religioso, ele se avizinhava ideologicamente do nazismo. Aliás, no ensaio “Dichter, Volkstum und Sprache” (“Poetas, índole nacional e linguagem”), publicado em 1934, Ina Seidel reitera o caráter religioso de sua obra, ao mesmo tempo em que integra ao seu discurso termos e expressões correntes no jargão nazista:

[...] Com o conceito de poeta não seremos justos, se não o associarmos ao conceito do espontâneo sacerdócio: no sacerdócio, por sua vez, está incluso o sofrimento representativo do Um pelos Muitos. Não apenas as dores pessoais e humanas, através das quais conduz o caminho inevitavelmente do ventre materno à sepultura – muito mais, ainda, os grandes desígnios gerais de seu tempo, aquilo o que está imposto sobre o seu povo, o poeta o vivencia numa extensão de intranquilidade interior, de anúncio pressentido e, se os deuses forem misericordiosos, de entusiasmo, que lhe esmagaria e explodiria, caso não lhe fosse outorgado o seguinte: elevar a vivência por meio de palavras, e alertando, advertindo, louvando, e exortando em suas obras manter o espelho diante do povo, o espelho verdadeiramente mágico, no qual o acontecimento toma forma – o espelho que se torna árvore genealógica na qual as gerações posteriores poderão reconhecer tão bem a grandeza e o heroísmo do passado, bem como sua fraqueza e sua decadência. (Seidel 1934: 21)¹⁵ (tradução própria)

No romance *Michaela* (1959), Ina Seidel procurou confrontar sua formação burguesa com o passado no período nazista. Da perspectiva do pós-guerra, em 1948, ela apresenta um quadro da burguesia como apolítica, mas dotada de

¹⁵ [...] Dem Begriff des Dichters werden wir nicht gerecht, wenn wir nicht den Begriff unmittelbarer Priesterschaft mit ihm verbinden: im Priestertum wiederum ist das stellvertretende Leiden des Eine für die Vielen inbegriffen. Nicht nur die persönlichen menschlichen Schmerzen, durch die der Weg aus dem Mutterschoß bis ins Grab unausweichlich hindurchführt – viel mehr noch die großen allgemeinen Schickungen seiner Zeit, das, was über sein Volk verhängt ist, erlebt der Dichter in einem Ausmaß der inneren Beunruhigung, der ahnenden Vorschau und, wenn die Götter gnädig sind, der Begeisterung, das ihn zermalmen und sprengen würde, wenn ihm nicht dies verliehen wäre: das Erlebnis ins Wort zu heben, und warnend, mahnend, preisend, anfeuernd in seinem Werk dem Volk den Spiegel vorzuhalten, den wahrhaft magischen Spiegel, in dem das Geschehen zu Gestalt gerinnt – den Spiegel, der zur Tafel wird, aus der spätere Geschlechter Größe und Heldentum der Vergangenheit so gut erkennen wie ihre Schwäche und ihren Verfall.

uma grandeza humana, representada na obra pelas personagens Michaela e Jürgen Brook. Por sua vez, os nazistas são caracterizados no romance como primitivos e oportunistas, e o nazismo é equiparado a uma doença que acomete apenas ao corpo enfermo. A imunidade contra ele seria garantida após a travessia da doença. Em contrapartida, a *Shoah* aparece apenas à margem da discussão, e judeus aparecem na Alemanha do pós-guerra, engajados na reconstrução. O que chama à atenção no romance é a tentativa da escritora em desculpar a burguesia por sua omissão diante do nazismo. Porém, tal tentativa permanece superficial e nada convincente, pois carece de plausibilidade diante dos fatos históricos. Cabe lembrar, ainda, que a postura apolítica que Ina Seidel tenciona atribuir à burguesia se torna, na verdade, um fato político, uma vez que tem consequências diretas na legitimação e estabilização do regime nazista, não fazendo frente a ele e até mesmo preparando-lhe o terreno com a divulgação, através da literatura, de juízos de valor partilhados pelos segmentos conservadores no cenário político alemão das primeiras décadas do século XX.

4. HANS GRIMM E A BUSCA POR “ESPAÇO VITAL”

Iniciaremos, por fim, a análise do terceiro exemplo de literatura de parentesco ideológico com o nazismo: o romance *Volk ohne Raum* (1926; “Povo sem espaço”), de Hans Grimm (1875-1959). Nascido em 21 de março de 1875 na cidade alemã de Wiesbaden, Hans Grimm era filho de professor universitário. Após o término dos estudos secundários, esteve por um curto período na cidade suíça de Lausanne e, posteriormente, na Inglaterra, onde concluiu um curso de formação de agente comercial. Até 1910, Hans Grimm viveu na África do Sul, onde, primeiramente, atuou como comerciário em Port Elizabeth e, posteriormente, como agente comercial autônomo em East London. Em seguida, retornou à Alemanha, onde estudou Ciências Políticas em Munique e Hamburgo. Em 1916, foi recrutado pelo exército, e atuou no *front* da Primeira Guerra Mundial como canhoneiro. No ano seguinte, recebeu da Secretaria para Assuntos Coloniais a incumbência de escrever um livro sobre suas impressões da África, publicando-o, em 1917, com o título de *Der Ölsucher von Duala. Ein afrikanisches Kriegstagebuch* (“O sondador de petróleo de Duala. Um diário de guerra africano”) em forma de diário com apontamentos de janeiro de 1914 a julho de 1915. Conforme o autor aponta no “Vorwort” (“Prefácio”) à edição de 1931, se trataria de um “documento” (Grimm 1931: 6). Em 1918, Hans Grimm adquiriu um sítio nas proximidades de Lippoldsberg/Weser, onde viveu até sua morte, em 27 de setembro de 1959 (cf. Loewy 1966: 348).

Em 1927, Hans Grimm recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Göttingen. No ano anterior, havia publicado aquela que é considerada sua “obra-prima”: o romance *Volk ohne Raum* (“Povo sem espaço”), que se tornaria um dos *bestsellers* da República de Weimar e do período nazista.

Após a ascensão dos nazistas ao poder, Hans Grimm tornou-se senador da Academia Alemã de Literatura, e a partir de 1934, organizou os chamados “Lippoldsberger Dichtertreffen” (“Encontros de Poetas em Lippoldsberg”) com a finalidade de promover a literatura “völkisch” (que envolvia aspectos populares com um forte sentimento nacionalista e, em alguns casos, racista) (cf. Kammer/Bartsch 1992: 217-218). Contavam entre os participantes os escritores Rudolf G. Binding, Friedrich Bischoff, Hermann Claudius, Rudolf Alexander Schröder, Ernst von Salomon, Hans Carossa, Erwin Guido Kolbenheyer, e Werner Beumelburg. Mesmo após a guerra e o fim do período nazista, Hans Grimm continuou a organizar os encontros em Lippoldsberg, chegando até mesmo a fundar a editora *Klosterhaus* no intuito de promover a publicação de obras daqueles que participavam dos encontros (cf. Loewy 1966: 348).

Hans Grimm é considerado pela crítica o expoente do colonialismo alemão na literatura. O título do romance *Volk ohne Raum* – “Povo sem espaço” – tornou-se palavra de ordem na Alemanha nazista e seu autor, uma espécie de símbolo de escritor nacional. Embora não tenha sido oficialmente membro do partido nazista, suas concepções estavam próximas da ideologia apregoada pelo Estado totalitário. No pós-guerra, sem se posicionar criticamente diante do passado no *Terceiro Reich*, Hans Grimm tornou-se o mentor intelectual do neofascismo alemão, que para muitos nada mais era do que a continuidade do nazismo ressurgido dos escombros. Dentre suas obras, destacam-se as *Südafrikanische Novellen* (1913; “Novelas sul-africanas”), o diário *Der Ölsucher von Duala* (1918; “O sondador de petróleo de Duala”), os romances *Volk ohne Raum* (1926; “Povo sem espaço”) e *Lüderitzland* (1934; “Terra de Lüderitz”) (cf. Loewy 1966: 348).

A “aventura” colonialista alemã, que encontra na obra de Hans Grimm a sua expressão literária por excelência, começou no período do chanceler Otto von Bismarck (1815-1898) e de sua *Überseepolitik* (“política ultramarina”), voltada sobretudo para o escoamento da superprodução industrial como substrato para o Imperialismo comercial alemão que se estabeleceria em algumas regiões da África e do Pacífico Sul. Além disso, como aponta Hans-Ulrich Wehler, o desenvolvimento econômico alemão também lançou o país numa acirrada concorrência econômica no âmbito mundial. A rivalidade entre os países europeus assumiu proporções globais. A concorrência entre todas as nações industrializadas ocidentais forjou a condição básica para o “novo Imperialismo”. Em 28 de março de 1884 foi fundada a *Gesellschaft für deutsche Kolonisation* (“Sociedade de Colonização Alemã”). No mesmo ano, um comerciante de Bremen chamado Adolf Lüderitz – um dos romances de Hans Grimm, *Lüderitzland* (1934; “Terra de Lüderitz”), publicado durante o período nazista, foi dedicado a ele – declarou “Schutzgebiet” (“protetorado”) trechos da costa da África Sudoeste, não sem conflito com o Governo britânico e, posteriormente, ampliou as investidas comerciais para a região da Namíbia. Togo e Camarões também foram alvos da mesma política, por serem pontos de

interesse das casas comerciais hanseáticas, de Hamburgo. Outras áreas da África Oriental foram declaradas “Schutzgebiet Deutsch-Ostafrika” (“Protetorado da África-Oriental-Alemã”), como, por exemplo, a Nova Guiné. Num espaço de quatro anos, todos esses protetorados se tornaram efetivamente colônias do Império alemão (cf. Wehler 1996: 159-161). Com a derrota na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha perdeu todas as colônias na África, de acordo com uma das cláusulas do Tratado de Versalhes. Em 1920, Togo, Camarões e a África-Sudoeste tornaram-se territórios sob mandato da Liga das Nações (cf. Klein 1995: 33).

Característica das obras de Hans Grimm é seu caráter político a partir de uma postura conservadora e reacionária. O romance *Volk ohne Raum*, por exemplo, apresenta a história do jovem Cornelius Friedbott em sua pequena propriedade rural, na região do Ruhr, que posteriormente se vê forçado a deixar o campo e a seguir para a cidade, acabando por vir a servir à Marinha na África do Sul e Ocidental e, regressando à Alemanha, constata que seu país estava perdendo a corrida colonialista no continente africano, promovida por outros países como a França e a Inglaterra. Para ele, o país não tinha espaço suficiente para seus cidadãos viverem e produzirem e, com isso, lançou-se numa guerra por, justamente, ansiar à conquista de novos espaços. Como se pode constatar nesse breve resumo, trata-se de uma obra de literatura que vinha ao encontro dos interesses da direita política alemã e de suas ambições expansionistas. Não é por acaso que o romance *Volk ohne Raum* tenha sido facilmente instrumentalizado para fins de propaganda cultural durante o período nazista. De acordo com Franz Schonauer, o romance de Hans Grimm representou para a época “um folhetinismo geopolítico infinitamente eficaz, que provavelmente foi mais grave do que todos os programas culturais nazistas” (Schonauer 1961: 96). Sem dúvida, a obra de Hans Grimm “pré-estetizou” a política expansionista nazista, expressada no conceito de *Lebensraum* (“espaço vital”) (cf. Kammer/Bartsch 1992: 118-119). Na segunda parte – “Die nationalsozialistische Bewegung” (“O movimento nacional-socialista”) – do livro *Mein Kampf* (1925/1927; “Minha Luta”), Hitler se apropria justamente do discurso do expansionismo apregoado pelos círculos defensores da política colonial desde as últimas décadas do século XIX – dos quais Hans Grimm era um dos seus mais entusiasmados membros –, associando-o a uma visão social-darwinista:

Se o movimento nacional-socialista, realmente, quiser receber a consagração de uma grande missão para o nosso povo diante da História, ele precisa, imbuído do conhecimento e tomado pela dor da sua real situação sobre esta terra, assumir com audácia e energia a luta contra a desorientação e a incapacidade que conduziram, até o momento, nosso povo por seus caminhos no âmbito da política externa. Ele precisa, pois, sem respeito às “tradições” e preconceitos, encontrar a coragem de reunir nosso povo e sua força para a ofensiva rumo àquela estrada que conduza esse povo da estreiteza atual do espaço vital para terras e, com isso, que o liberte para sempre do perigo de perecer

sobre esta terra ou de precisar assegurar os serviços de outros como um povo de escravos. (Hitler 1937: 731-732)¹⁶ (tradução própria)

O denso romance *Volk ohne Raum*, com suas 1.299 páginas, é composto por quatro partes: “Heimat und Enge” (“Pátria e aperto”), “Fremder Raum und Irregang” (“Espaço estrangeiro e errância”), “Deutscher Raum” (“Espaço alemão”), e “Das Volk ohne Raum” (“O povo sem espaço”). Antes de seu início, o leitor se depara com uma dedicatória, na qual Hans Grimm evidencia suas intenções “políticas” e “didáticas” com a publicação dessa obra:

Essa narrativa alemã, assim penso, é uma narrativa política e permite, portanto, vermos nosso destino alemão de uma maneira que as escolas e os partidos, com certeza, não ensinam, porque não o podem e não o querem.

A quem eu, pois, poderia dedicar o livro senão a meus falecidos pais, sobretudo a minha mãe, e a meus dois filhos, à frente meu filho mais jovem, entre os quais sou membro na corrente das gerações e através dos quais eu pertencço a meu povo.

Lippoldsberg, Klosterhaus

Em janeiro de 1926

H. G. (Grimm 1926: 5)¹⁷ (tradução própria)

Sem dúvida, as experiências pessoais de Hans Grimm enquanto agente comercial na África do Sul, então território de colonização britânica, mesclaram-se, no romance, com ideias de expansionismo. O romance é um misto de emoções, aventuras e ressentimentos. Já nas primeiras páginas dessa densa obra o narrador-autoral clama ao leitor para que desperte para a situação precária em que a Alemanha e seu povo se encontrariam frente às demais nações, na luta por conquista de territórios para ampliar o seu espaço:

Pois, agora, na vida que é representada neste livro o nosso destino comum alemão mostra a sua cara nua e crua, o modo como ela às vezes revela a sorte de seu povo, pois em nosso

¹⁶ Wenn die nationalsozialistische Bewegung wirklich die Weihe einer großen Mission für unser Volk vor der Geschichte erhalten will, muß sie, durchdrungen von der Erkenntnis und erfüllt vom Schmerz über seine wirkliche Lage auf dieser Erde, kühn und zielbewußt den Kampf aufnehmen gegen die Ziellosigkeit und Unfähigkeit, die bisher unser deutsches Volk auf seinen außenpolitischen Wegen leiteten. Sie muß dann, ohne Rücksicht auf „Traditionen“ und Vorurteile, den Mut finden, unser Volk und seine Kraft zu sammeln zum Vormarsch auf jener Straße, die aus der heutigen Beengtheit des Lebensraumes dieses Volk hinausführt zu neuem Grund und Boden und damit auch für immer von der Gefahr befreit, auf dieser Erde zu vergehen oder als Sklavenvolk die Dienste anderer besorgen zu müssen.

¹⁷ Diese deutsche Erzählung ist, so meine ich, eine politische Erzählung und läßt also unser deutsches Schicksal sehen, wie es Schulen und Parteien freilich nicht lehren, weil sie es weder können noch wollen.

Wem dürfte ich dann das Buch anders zuschreiben als meinen toten Eltern, und meiner Mutter zumeist, und meinen zwei Kindern, voran meinem jungen Sohne, zwischen denen ich Glied bin in der Kette und durch die ich zu meinem Volke gehöre.

Lippoldsberg, Klosterhaus
Im Januar 1926 H.G.

enorme assunto se ganhará aqui uma visão ampla; é por tudo isso que, de antemão, sinos deveriam dobrar em homenagem a este livro! Ou tu pensas que haveria na terra e no céu algo maior do que a questão premente sobre o destino do nosso povo?

Mas tu ergues a cabeça refletindo e diz que o povo alemão, em todo caso, irá viver e enfrentar todas as questões do destino? O que significa viver, amigo? O enfermo vive, e o ladrão vive, e a prostituta vive, e os vermes vivem devorando uns aos outros, mas o homem alemão necessita de espaço ao redor de si e de sol sobre si e de liberdade em si para se tornar bom e belo. Será que a esperança que ele teve por isso, durante dois mil anos, foi em vão? E se tu te consideras reto e nobre de corpo e de mente, e se teus filhos ainda não se tornaram aleijões doentes e ladrões furtivos e pobres prostitutas, isso é teu mérito? Olhe em tua volta, olhe diante de ti e considere os anjos e recém-nascidos! Há uma urgência causada pela escravidão da estreiteza, da qual corpos e almas livres nunca mais podem crescer. Porém, eu, meu amigo, eu sei que meus filhos e minha linhagem e o povo alemão são um e a mesma coisa, e que precisam carregar um destino. (Grimm 1926: 10-11)¹⁸ (tradução própria)

No último parágrafo do livro, o narrador-autoral volta a se manifestar sobre a necessidade de se conquistar espaço, num tom pessimista para as futuras gerações, e alude aos Tratados de Versalhes e de Locarno, através dos quais a Alemanha perdeu suas colônias enquanto parte das reparações de guerra. O final do romance acaba fechando um ciclo com o início, citado anteriormente, em que “sinos deveriam dobrar” por ele:

No mês nublado deste ano, nos dias complicados de Locarno, a narrativa alemã “Povo sem espaço” foi concluída. E isto é, certamente, verdadeiro: dobrar os sinos não significa nada, sinos não afugentam o destino para longe. E também é verdadeiro que crianças alemãs irão rir cada vez mais breves, e ainda mais difícil do que nós da guerra e nós de Versalhes e nós de Locarno, sem espaço alemão. E, em terceiro lugar, também é verdadeiro que, onde o povo alemão deve aprender a diferença entre a palavra vã e a palavra ativa, alguém deve começar com auxílio humilde e obter a coragem para o mais

¹⁸ Weil nun in dem Leben, das in diesem Buche geschildert wird, unser gemeinsames deutsches Schicksal sein Antlitz nackend zeigt, wie es ja zuweilen das Geschick seines Volkes enthüllt, weil also in unsere ungeheuerlichste Angelegenheit hier ein breiter Einblick sein wird, deshalb müssen diesem Buche Glocken voraus läuten! Oder meinst du, daß es irgendein Größeres gebe auf Erden und im Himmel als die letzte Schicksalsfrage unseres Volkes?

Du aber reckst überlegen den Kopf, du aber sagst, das deutsche Volk werde jedenfalls leben und allen Schicksalsfragen entgegen? Was heißt leben, Freund? Es lebt der Sieche und lebt der Dieb und lebt die Hure und lebt das Gewürm, das einander frißt, aber der deutsche Mensch braucht Raum um sich und Sonne über sich und Freiheit in sich, um gut und schön zu werden. Soll er bald zwei Jahrtausende umsonst darauf gehofft haben? Und wenn du gerade und adelig zu sein vermagst von Körper und Sinn, und wenn deine Kinder noch nicht kranke Krüppel und verstohlene Diebe und arme Huren geworden sind, ist das dein Verdienst? Schau um dich, schau vor dich und bedenke die Engel und Neugeborenen! Es gibt eine Sklavennot der Enge, daraus unverzwungene Leiber und Seelen nie mehr wachsen können. Ich aber, mein Freund, ich weiß, daß meine Kinder und mein Geschlecht und das deutsche Volk ein und dasselbe sind und ein Schicksal tragen müssen.

ínfimo assunto. Nisto, Melsene Friedbott tem razão. (Grimm 1926: 1299)¹⁹ (tradução própria)

Podemos afirmar que Hans Grimm “fez escola”, se considerarmos algumas obras publicadas durante o período nazista, que se aproximam tematicamente do diário *Der Ölsucher von Duala* e do romance *Volk ohne Raum*, como o romance *Wann kommen die Deutschen endlich wieder? Eine Reise durch unsere Kolonien* (1935; “Quando os alemães finalmente voltarão? Uma viagem por nossas colônias”), de Senta Dinglreiter (Dinglreiter 1935), e o romance *Wir kommen wieder. Ein deutsches Afrikabuch. Erlebt und geschrieben im alten Deutsch-Süd-West-Afrika* (1939; „Nós voltaremos. Um livro alemão sobre a África. Vivenciado e escrito na antiga África Sudoeste Alemã”), de Ernst Ludwig Cramer (Cramer 1939).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos mais nosso breve estudo, gostaríamos de chamar à atenção para o fato de que decidimos tratar os autores e as obras aqui analisados como representantes da literatura de parentesco ideológico com o nazismo pelos seguintes motivos: por um lado, devemos evitar classificar Ernst Jünger como escritor a serviço do regime nazista, pois, apesar de certo parentesco ideológico pelo enaltecimento da guerra e o *modus vivendi* do soldado como “guerreiro”, o componente racista e antissemita, espinha dorsal da doutrina nazista, não tinha qualquer significado para Jünger. E isso pode ser estendido também a Hans Grimm, não obstante o caráter conservador e reacionário de sua obra, da qual os nazistas também se apropriaram, sobretudo pelas ideias expansionistas e colonialistas que ela veicula; por outro lado, também deixamos de classificar escritores como Ina Seidel, pertencentes a uma tradição literária de cunho popular e nacionalista, dentro do grupo de escritores que produziram obras meramente “descompromissadas”.

Além disso, esses autores revelam o quão complexo era o espectro da direita política na Alemanha nas primeiras décadas do século XX, que nos impede de uma simplificação maniqueísta. Todavia, certo é que escritores como Jünger, Grimm e Seidel, mesmo sem intenção declarada e contra a vontade, acabaram por fornecer uma gama de temas, conceitos e figuras que puderam ser instrumentalizados pelos nazistas para fins de propaganda cultural e, por

¹⁹ Im Nebelmonat dieses Jahres, in den verwirrten Locarnotagen, wurde die deutsche Erzählung *Volk ohne Raum* beendet. Und das ist gewißlich wahr, Glockenläuten bedeutet gar nichts, Glocken läuten kein Schicksal fort. Und das ist auch wahr, deutsche Kinder werden immer kürzer lachen, noch schwerer als wir vom Kriege und wir von Versailles und wir von Locarno, ohne deutschen Raum. Und das ist zu dritt wahr, wo das deutsche Volk den Unterschied je lernen soll zwischen dem eitlen und dem tätigen Worte, muß einer mit demütiger Hilfe beginnen und den Mut zur kleinsten Sache aufbringen. Darin hat Melsene Friedbott recht.

assim dizer, tiveram sua função legitimadora dentro da engrenagem do Estado totalitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter (1994a), “Experiência e pobreza” in *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas, v. I, Benjamin, W., trad. Sergio Paulo Rouanet, 7. ed., São Paulo, Brasiliense, pp. 114-119.
- BENJAMIN, Walter (1994b), “Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea *Guerra e guerreiros*, editada por Ernst Jünger” in *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas, v. I, Benjamin, W., trad. Sergio Paulo Rouanet, 7. ed., São Paulo, Brasiliense, pp. 61-72.
- BEYER, Karl (1940), „Ina Seidels Wunschkind“, *Die Werkstatt der höheren Schule*, Berlin.
- CRAMER, Ernst Ludwig (1939), *Wir kommen wieder. Ein deutsches Afrikabuch. Erlebt und geschrieben im alten Deutsch-Süd-West-Afrika*, Potsdam, Rütten & Löning Verlag.
- DINGLREITER, Senta (1935), *Wann kommen die Deutschen endlich wieder? Eine Reise durch unsere Kolonien in Afrika*, Leipzig, Köhler und Umelang.
- GRIMM, Hans (1931), *Der Ölsucher von Duala. Ein afrikanisches Kriegstagebuch*, Hamburg, Deutsche Hausbücherei.
- GRIMM, Hans (1926), *Volk ohne Raum*, München, Albert Langen.
- HITLER, Adolf (1937), *Mein Kampf*, Teil II: „Die nationalsozialistische Bewegung“, 246/247 ed., München, Zentralverlag der NSDAP.
- JÜNGER, Ernst (1922), *Der Kampf als inneres Erlebnis*, Berlin, E. S. Mittlerer & Sohn.
- JÜNGER, Ernst. (1978), „Guillemont“ in *In Stahlgewittern*, Sämtliche Werke. v.1, Jünger, E., Stuttgart, Klett-Cotta, pp. 98-119.
- JÜNGER, Friedrich Georg (1926), *Aufmarsch des Nationalismus*, Berlin, Vormarsch-Verlag.
- KAMMER, Hilde e BARTSCH, Elisabet (1992), *Nationalsozialismus. Begriffe aus der Zeit der Gewaltherrschaft 1933-1945*, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt.
- KLEIN, Claude (1995), *Weimar*, São Paulo, Perspectiva (Série “Khronos”, v.18).
- LOEWY, Ernst (1966), *Literatur unterm Hakenkreuz. Das Dritte Reich und seine Dichtung*, Frankfurt a.M., Europäische Verlagsanstalt.
- PAUCKER, Henri R. (1995), *Neue Sachlichkeit. Literatur im „Dritten Reich“ und im Exil*, Stuttgart, Reclam.
- ROSENTHAL, Erwin Theodor (1990), „Ernst Jünger“ in *Perfis e Sombras. Estudos de Literatura Alemã*, Rosenthal, E. Th., São Paulo, EPU, pp. 175-182.
- SCHONAUER, Franz (1961), *Deutsche Literatur im Dritten Reich. Versuch einer Darstellung in polemisch-didaktischer Absicht*, Olten/Freiburg i.Br., Walter-Verlag.
- SEIDEL, Ina (1930), *Das Wunschkind*, Stuttgart, Deutsche Verlagsanstalt.
- SEIDEL, Ina. (1934), „Dichter, Volkstum und Sprache“ in *Ausgewählte Vorträge und Aufsätze*, Seidel, I., Stuttgart, Deutsche Verlagsanstalt, pp. 7-23.
- WEHLER, Hans-Ulrich (1996), „Vom ‚Schutzgebiet‘ zur Kolonie: Der deutsche Imperialismus“ in *Das 19. Jahrhundert. Ein Lesebuch zur deutschen Geschichte 1815-1918*, Piereth, W. (org.), München, Beck, pp. 155-161.
- WEPMAN, Dennis (1987), *Hitler*, São Paulo, Nova Cultural.

ZELTON, Heinrich e WOLFF, Eduard (1996), *Der neue Literaturführer. Deutsche Dichtung*, v.2: Von der Romantik bis zur Moderne, Weyarn, Seehamer Verlag.



Llevat que s'hi indiqui el contrari, els continguts d'aquesta revista estan subjectes a la llicència de Creative Commons: Reconeixement 3.0 Espanya.